

Missão do FMI preocupa-se só com a taxa de inflação

BRASÍLIA — A missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), chefiada pelo economista Tomas Reichmaun, há dez dias em visita aos órgãos de governo, não sabe o que fazer ou que fórmula adotar para corrigir a economia brasileira. Pelo menos essa é a impressão que a missão tem passado aos técnicos do Ministério da Fazenda. Ontem, foi a vez do Ministério do Trabalho receber a missão do Fundo e, na saída, a secretária de emprego e salário do Ministério, Dorothea Werneck, disse que duvida que o FMI tenha uma fórmula para tirar a economia brasileira da situação em que se encontra. Reichmaun preferiu demonstrar à economista sua preocupação com o descontrole da inflação.

Desde os tempos da deselegância de Ana Maria Jul, a receita do Fundo para países endividados como o Brasil era uma só: a recessão. Na conversa que manteve com Reichmaun, que visitou o Ministério acompanhado do economista Carlos Muniz, também do FMI, Dorothea Werneck lembrou que, se a recessão fosse solução para o problema brasileiro, o país já tinha saído da crise, pois "viveu quase uma década inteira sob a recessão", na maioria das vezes por recomendação do Fundo.

"Fizemos recessão e não resolvemos o problema e o que o país precisa é crescer e arrecadar mais impostos", argumentou Dorothea Werneck. Reichman, Muniz e a secretária

de emprego e salário do Ministério do Trabalho concordaram em que, ao contrário do que preconizou o Plano Bresser, "não se cuida da economia pensando apenas na demanda". Também foi consensual a tese de que o país peca pela impaciência e efetua mudanças rápidas em curto espaço de tempo e sem planejamento, como os planos cruzado I e II e o Plano Bresser, sem deixar que a própria economia se acomode através das leis de mercado.

Em sua exposição ao FMI, Dorothea considerou também a necessidade de um amplo entendimento nacional capaz de permitir ao governo ajustes dentro de casa, começando pelas estatais e pelos funcionários públicos. A missão do FMI concorda, mas diverge em questões fundamentais, como o controle de gastos e investimentos. Reichman acha que o Brasil deve gastar menos e diminuir ainda mais os investimentos. Na questão dos salários, Reichman e Muniz ouviram de Dorothea que é ficção adotar uma única política salarial para todo conjunto da classe trabalhadora. Afinal, apenas 40% dos assalariados brasileiros se beneficiam dessa política.

"Não é ficção manter a atual política de valorização do piso nacional de salários, defendeu a secretária de empregos e salários, enquanto Reichman e Muniz deixavam clara sua preocupação com o descontrole da inflação.